

FESTIVAL DE BRASÍLIA

# Herói melodramático

Com a primeira exibição pública de "Lula, O Filho do Brasil", o Festival de Brasília de Cinema Brasileiro começou sua 42º edição lotando o Teatro Nacional da cidade e confirmando sua posição como um dos principais espaços para a discussão do cinema nacional

FÁBIO FREIRE  
Enviado a Brasília

O Festival de Brasília não poderia ter escolhido melhor filme para sua abertura. Já a produção do aguardadíssimo "Lula, O Filho do Brasil", acertou em cheio ao usar o mais antigo festival de cinema do País como plataforma de lançamento do filme que conta uma parte da trajetória de Luiz Inácio Lula da Silva. Por um lado, o Festival ganhou visibilidade, do outro, o longa-metragem dirigido por Fábio Barreto, respaldo.

O resultado dessa junção foi uma noite concorrida, com direito a confusão, filas, público sentado no chão, manifestantes, vaias e aplausos. Confirmando sua reputação de ter um público irreverente e ser espaço contestatório e que privilegia o cinema nacional, na última terça (17), noite de abertura do evento, ministros, políticos, celebridades do mundo artístico, um batalhão de jornalistas e o público em geral disputavam um espaço e aguardavam o momento das luzes se apagarem e o longa começar.

Se o Festival de Brasília já teve um público tão significativo na noite de abertura quanto na última terça, difícil dizer. Mas, talvez sem a presença do filme sobre o Presidente Lula, exibido fora de competição, o alvoroço não fosse tão grande. Uma coisa é certa: assim que o filme começa, todas as vaias, discursos e manifestações cessam, e o interesse da plateia se volta à tela e as mais de duas horas de projeção do longa.

#### Melodrama biográfico

"Lula, o Filho do Brasil" começa silencioso, sem música, mostrando o retrato do árido sertão pernambucano, onde Luiz Inácio nasceu. O filme narra a vida de Lula desde o nascimento até a sua participação no movimento sindical. É uma típica cinebiografia, baseada no livro homônimo de Denise Paraná, que em determinados momentos peca pela condensação e omissão de alguns fatos.

O filme começa bem, apelando para uma dramaticidade presente nas imagens, graças, principalmente à fotografia e à montagem. Mas perde força à medida em que a narrativa se torna episódica demais e uma sucessão de acontecimentos desfilam na tela sem causar grande impacto. Culpa do roteiro que privilegia a sintetização e não se esforça em desenvolver uma linha narrativa mais coerente e com maiores precisões.

Assim, somos apresentados à mãe de Lula (Glória Pires) e seu



O LULA, O FILHO do Brasil: o filme começa bem, mas perde força à medida em que os acontecimentos narrados perdem impacto

#### FIQUE POR DENTRO

#### O mais antigo festival do País



#### FESTIVAL DE BRASÍLIA

Criado em 1965, o Festival de Brasília do Cinema Brasileiro chega a sua 42º edição com a exibição de longas e curtas-metragens até o próximo dia 24. Além do documentário "Filhos de João, Admirável Mundo Novo Baiano", sobre os Novos Baianos, exibido ontem, outros cinco filmes participam da Mostra Competitiva: "Perdão Mister Fiel" (hoje); "Querbeiras"; "O Homem Mau Dorme Bem"; "É Proibido Fumar"; e "A Falta que me Faz". Os curtas-metragens ganham duas mostras, uma de produções realizadas em película (12 filmes) e outra de filmes digitais. Nenhuma produção cearense foi selecionada para essa edição do Festival de Brasília.

#### Caráter institucional

Ainda que não seja panfletário e adote um posicionamento político marcante - o que de certa forma tira o peso de ser uma produção lançada às vésperas de uma eleição presidencial -, as escolhas de Fábio Barreto (do simpático "O Quatrilho" e do equivocado "Bella Donna") deixam o filme com cara de vídeo institucional.

Falta contextualização e o filme acaba adotando uma visão maniqueísta bem pouco esclarecedora.

Lula é retratado como um herói cheio de virtudes, mas sem falhas.

Mais em cima do muro impossível.

Mesmo cheia de percalços, a vida de Lula é mostrada de forma limpinha, tudo transcorre sem grandes traumas e sem causar envolvimento no espectador.

Isso diminui a carga dramática do filme e até a importância das atuações, todas corretas,

mas sem destaque. Nem Rui Ricardo Diaz, que ganha seu primeiro papel de grande visibilidade interpretando Lula na fase adulta, se sobressai.

A atuação de Rui Ricardo Diaz peca, inclusive, por apresentar várias oscilações. Em determinados momentos, geralmente nos discursos, o ator se entrega ao maneirismo da língua presa característica do Presidente Lula, mas, na maioria das cenas, ele esquece esse importante elemento da fala do personagem que representa.

Isso faz com que o filme termine sem explorar o carisma de um personagem que saiu do interior de Pernambuco para entrar para a História. Talvez o

público se importe com isso. A reação da plateia ao final da sessão no Festival de Brasília indica para o fato. Se os aplausos calorosos foram sinceros ou mera diplomacia, somente as bilheterias e a reação da crítica irão dizer. A julgar pelo histórico de erros de Fábio Barreto como diretor, o filme é um evolução, ainda que tenha várias falhas.

Mas agora, se o longa é mesmo uma homenagem à coragem e persistência do povo brasileiro, como o cineasta Fábio Barreto fez questão de declarar antes do filme começar, o povo brasileiro e o presidente Lula mereciam uma produção melhor amarrada. ■

\* O repórter viajou a convite do evento.

Sem traços políticos

"Eu quis fazer um melodrama épico", afirmou o diretor Fábio Barreto durante a coletiva de imprensa de "Lula, o Filho do Brasil", ontem, no Hotel Nacional, em Brasília. "A ideia era que o filme fosse fundo nas emoções. Não via o filme sendo feito de outra forma". Justificativa para a polêmica de que o filme foi realizado com pretensões eleitoreiras e como propaganda para um suposto terceiro mandato do Presidente. Especulações logo afastadas por Fábio Barreto

O filme tenta humanizar o Lula. Ele tem forças e fraquezas, que são os elementos principais para se chegar a essa humanização.

Eu não procurei retratar uma pessoa infalível e perfeita", conta. Segundo o diretor, a escolha pelo gênero melodrama é determinada pelo foco narrativo do filme, a história de uma mãe e filho em primeiro plano e de uma família em seguida, "como milhões de outras famílias que

• "Lula, o Filho do Brasil", último trabalho tendo Luiz Carlos Barreto como produtor, peca pelo oficialismo

migraram do Nordeste em busca de uma vida melhor".

Tudo isso se sobrepõe em relação a qualquer caráter político do filme", explica Fábio. "De qualquer maneira, toda forma de expressão artística vem acompanhada de um caráter político, assim como a interpretação dessa obra pode ser política". Retrato Lula como um herói infalível, "Lula, o Filho do Brasil", último trabalho tendo Luiz Carlos Barreto como produtor (ele anunciou a despedida durante a coletiva), segue com exibições especiais até sua estreia no início de 2010 (a próxima é hoje, em Recife).

O sucesso do filme parece garantido e, de acordo com a produtora Paula Barreto, ele pode virar um minissérie a ser exibida pela Rede Globo. ■



Badejo em provance de camarões  
Na companhia de arroz negro.

Oui Bistro  
Très Bien